ELEMENTO, PRINCÍPIO, CAUSA E OPERAÇÃO OCULTA NA MATÉRIA SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO.

Prof. Dr. Paulo Faitanin

Elemento.

§. 1. Definição.

Sobre o tema *os elementos* nos oferecem informações valiosas para este estudo o opúsculo *A mescla dos elementos*. Dentre os diversos significados que os dicionários nos apresentam acerca da palavra *elemento*, destacamos o que a define como 'tudo o que entra na composição de alguma coisa'[1]. Deriva do vocábulo latino *elementum, -i*, cujo sentido fundamental apresentado é o de 'princípio de alguma coisa'[2], enquanto entendido como 'menor parte constitutiva de algo'.

Com respeito à sua *definição real*, por *elemento* entendemos uma das partes mais simples de que é feito um composto, por exemplo, os corpos simples de que os outros são formados. Antigamente 'os quatro elementos' [terra, água, fogo e ar][3]. Esta compreensão foi herdada de Aristóteles, que disse ser o elemento 'o componente primeiro imanente de uma coisa qualquer, que seja de uma espécie irredutível a uma espécie diferente'[4]. Muito oportunamente a Química denomina *elemento* o que compõe algo de que se compõe. Exemplos de elementos seriam os

---

[1] HOLANDA FERREIRA, A.B. de, *Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, verbete, *elemento*, p. 236.
[2] ERNOUT, A. et MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des Mots*. Quatrième Édition. Paris: Éditions Klincksieck, 1994, verbete *elementum, -i*, p. 193.
[3] LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e crítico da Filosofia*. Tradução Fátima Sá Correia et alii. São Paulo: Martins Fontes, 1999, verbete 'elemento', pp. 293-294; ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, verbete 'elemento', pp. 308-309.
[4] ARISTÓTELES, *Metafísica*, V, 3, 1014 a30.

da Tabela Periódica.

§. 2. Origem.

Com relação à sua *origem TA* admite que os elementos foram criados, simultaneamente, com a primeira matéria, em diversas partes da mesma. Temos visto, em outros lugares[5], que a primeira matéria não foi pura potência, no sentido de que não possuiu minimamente sequer alguma atualidade. Ela possuiu tal atualidade, ainda que de maneira mínima e imperfeita.

Esta é a atualidade que lhe conferiram as formas elementares que a informaram na origem. E trata-se de mínima atualidade, porque a natureza das formas elementares ocupa o ínfimo lugar entre as naturezas das formas substanciais, nos quesitos grau de ser, perfeição e ato[6]. Não obstante, é justamente em razão desta mínima atualidade que se concebe a máxima potencialidade da primeira matéria[7].

Em nossos dias a questão seria pensada assim: uma molécula 'A' é molécula 'A' em ato neste tempo e neste espaço; mas, em tempo e espaço ulteriores, por decomposição em X e Y, pode deixar de ser tal molécula 'A' em ato. E por isso é possível dizer que somente é molécula 'A' enquanto existente em ato neste tempo e neste espaço, pois pode vir a ser [potência] em tempo e espaço ulteriores os elementos X e Y. Por isso dizemos que a molécula 'A' é molécula em ato, mas elementos X e Y em potência.

---

[5] FAITANIN, P. S. *Ontologia de la materia em Tomás de Aquino*. Pamplona: Cuadernos de Anuário Filosófico, n. 135, 2001, pp. 11-62; *Principium Individuationis*. Pamplona: Universidad de Navarra, 2001, pp. 211-348.
[6] FAITANIN, P. S. *Ontologia de la materia em Tomás de Aquino*. Op. Cit., 2001, pp. 41-45.
[7] IBIDEM, pp. 69-71

§. 3. Natureza.

Com respeito à sua *natureza*, *TA* nos ensina que o elemento tem caráter entitativo, cabendo saber que categoria de ser possui. Isso nos leva à análise de sua forma, pois sendo a forma o que determina o ser, conhecendo a forma, conheceremos a categoria de ser a que pertence.

TA admite três gêneros de formas: a forma absolutamente espiritual, a forma espiritual composta e a forma corpórea. Dentro do gênero da forma corporal, admite cinco graus de perfeição: a forma elementar; a forma mineral; a forma [alma] vegetativa; a forma [alma] sensitiva e a forma [alma] intelectiva[8].

A forma elementar é forma substancial[9]. Diz-se substancial porque concorre intrínseca e constitutivamente para a formação da natureza da substância material mista, da qual é elemento. Apesar de ser substancial, ela não é completa. Por forma substancial completa se entende a forma que não necessita de nenhum outro princípio, por cuja associação, união, causaria o ser substancial[10].

A forma elementar, portanto, é forma incompleta por necessitar associar-se ou unir-se a outro princípio, para, a partir desta união, constituir intrinsecamente a forma substancial específica, ou seja, a forma substancial completa que resulta da mescla dos elementos. Do mesmo modo dizemos que a forma intelectiva, ou seja, a alma humana é incompleta. Mas, a forma intelectiva diz-se incompleta, não absolutamente do mesmo modo.

É incompleta pelo fato de que ela só não pode constituir o indivíduo humano, pois necessita unir-se, como parte, ao corpo, para que desta união, dita substancial, constitua-se, efetivamente, a substância completa que, neste caso, é o

[8] TOMÁS DE AQUINO, S. *De nat. mat.*, c. 3, n.1; *Sum. Theo.*, I-II, q. 54, a.2,c; *De spirit. creat.*, a.2, c.
[9] TOMÁS DE AQUINO, S. *De mix. elem.*, n.25., introdução.
[10] ARISTÓTELES, *Metafísica*, V, 1023b 26-27: "denomina-se inteiro ou todo a que não falta nenhuma das partes das quais é naturalmente constituído"; *In V Metaph.*, lect. 21.

indivíduo humano. A forma substancial elementar é incompleta porque é parte constitutiva e integrante da forma substancial mista[11].

É, pois, forma substancial da parte, que associada a outras formas substanciais de outras partes, constitui mediante a mescla ou mistura, a forma substancial do todo, o misto[12]. Segundo *TA*, todas as demais formas corpóreas, excetuando a forma intelectiva, têm as suas respectivas origens a partir das operações que se dão entre as diversas formas dos elementos, no interior da matéria[13].

Princípio e Causa.

§1. Princípio e causa.

De um modo geral significa início, ponto de partida, origem, fundamento. É um dos termos mais freqüentes da linguagem filosófica, dado que a filosofia por definição se ocupa dos primeiros princípios em cada natureza, portanto, os primeiros princípios do ser, do agir, do fazer etc. Este opúsculo faz referência aos primeiros princípios da natureza material. Para *TA* princípio 'significat quam id a quo aliquid procedit'[14]: portanto, princípio é *aquilo de que algo procede*.

É tudo aquilo que, de algum modo, contribui para a produção de qualquer coisa. Para *TA* causa é 'ad quam de necessitate sequitur aliquid'[15]: portanto, causa é *o que procede de algo ou a ele se segue, necessariamente*. Disso decorre que princípio não

[11] TOMÁS DE AQUINO, S. *De mix. elem.*, n.25.
[12] ARISTÓTELES, *Metafísica*, V, 1023b 19-21: "partes são também aquelas nas quais o todo se divide ou aquelas das quais se compõe, entendido o todo ou como forma ou como ou como aquilo que tem forma".
[13] TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q.3, a.11, sed contra. 1.
[14] TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q33 a1, c.
[15] TOMÁS DE AQUINO, S. *In V Metaph.*, lect. 1.

é sinônimo de causa. *TA* segue a clássica divisão de Aristóteles da causa em quatro espécies: *matérial*, *formal*, *eficiente* e *final*.

A causa material e a formal são princípios intrínsecos e formam parte do constitutivo essencial da natureza da substância material. A matéria enquanto sujeito e a forma enquanto determinante do ser. A causa eficiente e a final são princípios extrínsecos à natureza da substância material. A eficiente como ordenação, e a final como conclusão do ser ou do operar da substância.

§2. Os princípios da natureza.

Neste texto o Aquinate sustenta que são três os princípios da natureza, ou seja, *matéria*, *forma* e *privação*; dos quais a forma é aquilo pelo que é a geração; e os outros dois princípios existem por parte disso pelo que é a geração.

Além daquelas quatro causas, se conta a privação como princípio da natureza. Mas a privação não está enumerada entre as causas, porque é principio por acidente. A privação não se diz senão de determinado sujeito, ou seja, do sujeito no qual é apto o hábito, assim como a cegueira não se diz senão nos entes aptos a ver. E porque não se produz a geração a partir do nada absoluto, mas a partir do não-ser — relativo — que existe em algum sujeito, embora não de qualquer sujeito, mas de determinado sujeito (com efeito, o fogo não se produz a partir de qualquer não-fogo, mas a partir de tal não-fogo, a partir do qual é apto produzir-se a forma do fogo), por esse motivo, se diz que a privação é princípio[16]. Outras informações sobre os princípios da natureza se encontram nos textos relacionados à natureza da matéria.

[16] TOMÁS DE AQUINO, S. *De princ. nat.*, c.2 e 3.

Operações ocultas na matéria.

§. 1. Natureza das operações.

O opúsculo que nos põe diante do problema das operações que podem ocorrer no interior da natureza da substância material é o *As operações ocultas da natureza*. Com relação à sua *operação*, *TA* nos adverte que esta se deflagra segundo a relação de atividade e passividade entre as qualidades ativas de uma forma elementar com as qualidades ativas de uma outra forma elementar.

Desta intensa relação entre as qualidades ativas e passivas das diversas formas elementares que existem e se relacionam entre si, se constitui a *forma de corporeidade*, que é a forma corpórea que todo corpo possui. Podemos dizer que a forma de corporeidade é eduzida ou produzida a partir desta intensa atividade exercida entre as qualidades ativas e passivas das diversas formas elementares que se relacionam entre si.

Se por um lado tínhamos a informação de que a forma elementar era substancial, mas não era completa, por outro lado agora temos o conhecimento de que o que resulta da relação entre as formas elementares é uma forma substancial completa, a saber, a forma de corporeidade ou corpórea.

Neste sentido, diferenciam-se a forma elementar e a forma de corporeidade nisso: a *elementar* é substancial incompleta e causa eficiente da forma de corporeidade; a *de corporeidade* é substancial completa e efeito da causalidade eficiente da mescla ou mistura e relação entre as qualidades ativas e passivas das diversas formas elementares.

Se a grande questão do opúsculo *A mesda dos elementos* era saber se as propriedades ativas e passivas permaneceriam na natureza da forma de corporeidade, causando-lhe transformações, a máxima questão do opúsculo *As*

operações ocultas da natureza é responder qual natureza das operações ocultas pode ocorrer na substância, fundamentando-as na relação dos elementos.

Segundo *TA*, as formas elementares, no que se referem às suas qualidades passivas, permanecem, posteriormente, no misto[17], ou seja, na substância mista, cuja forma é a de corporeidade. Não obstante, nos adverte que tais qualidades dos elementos não poderiam permanecer em ato na substância mista, da qual toma parte a forma de corporeidade. E não pode porque então as qualidades ativas da forma elementar água estariam presentes ativamente na forma elementar fogo, o que seria um absurdo, pois não poderia nem existir a água, nem o fogo.

Contudo, há que se admitir que algo das qualidades de um elemento, que contribui para a constituição de uma substância, subsista nela, sem que se percam suas qualidades, pois da corrupção da substância retorna-se à natureza dos elementos originários, que então a havia constituído.

Para que fosse possível a *geração* – que é o ato que decorre desta atividade elementar – e a *corrupção* – que é o ato pelo qual se retorna aos elementos – será necessário supor que as qualidades dos elementos que concorrem para gerar uma substância permaneçam nela de um modo *virtual*[18], ou seja, atual, mas não ativo, senão passivo.

Enquanto característica daquilo que é virtual, a virtualidade é a aptidão de

---

[17] *TA* afirma que nas coisas naturais algo preexiste e se mantém, simultaneamente, segundo a potência ativa e passiva (*De Veritate*, q. 11, a. 1, c.). Por isso, nas formas dos mistos algo permanece dos elementos: *De mix. elem.*, n. 9-10.

[18] O uso do vocábulo adjetivo latino 'virtualis' e, também, de sua forma adverbial 'virtualiter' são consagrados na Escolástica. Em geral, são utilizados para designarem uma capacidade inerente a algo, como aptidão de possuir em si mesmo e de poder vir realizar, posteriormente, mediante algum princípio, causa ou qualidade, alguma perfeição, que se encontra presente, mas de um modo latente. Não se pode negar sua presença, pois é pressuposta para que algo exista. Portanto, se afirma sua presença, mas não se pode comprová-la, porque ainda não é manifesta tal perfeição ou tal efeito. Assim, pois, o bêbê que ora não produz nenhuma elocubração coerente, adequada e lógica tem, mesmo assim, a capacidade de vir a fazê-lo perfeitamente, salvo alguma impossibilidade. E embora, não o faça agora, ninguém lhe negará a capacidade de poder vir a fazê-lo, pois o efeito encontra-se virtualemente na causa: FERRATER MORA, J. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 1132.

fazer-se presente em outro, segundo um *modo atual passivo* [potência passiva], mas que não se manifesta extrínseca, externa ou aparentemente[19]. E diz-se presença virtual segundo um *modo atual passivo*, pois se não fosse assim, seria presente de um modo atual, seria, pois, presença ativa, então se faria presente de um modo atual ativo, sendo manifesta tal presença.

§. 2. Virtude e potência.

A virtualidade não é potencialidade. A *potencialidade* é a capacidade que existe em alguma coisa de torna-se atual, segundo a presença *atual ativa* [potência ativa] de qualidades elementares na substância mista, presença esta que gera esta mesma capacidade potencial. Portanto, esta presença ativa gera a potencialidade.

A *virtualidade* é a capacidade que existe em alguma coisa de tornar-se atual, segundo a presença *atual passiva* de qualidades elementares na substância mista, presença esta que gera esta mesma capacidade virtual. Portanto, esta presença passiva – ainda que não anule a potencialidade, senão que a condiciona – é o que gera a virtualidade.

Portanto, a presença das qualidades dos elementos na substância mista não é nem presença atual, nem potencial, senão virtual[20], a saber, um modo atual passivo de as qualidades elementares se fazerem presentes na substância mista, sem determinar ativamente a substância, transformando-a, e sem perder a capacidade de atualizá-las. E nisso se resume a operação das qualidades das formas elementares na substância mista. E também sobre isso podem atuar as forças sobrenaturais, imprimindo uma operação na substância mista, que esteja além de sua ordenação natural.

---

[19] No sentido forte: que já está predeterminado, embora isso não apareça exteriormente e contém todas as condições essenciais à sua realização: LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 1217-1218.

[20] TOMÁS DE AQUINO, S. *De mix. elem.*, n.25.

This document was created with Win2PDF available at http://www.daneprairie.com.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.